

[A religiosidade em sala de aula: as potencialidades de um ensino religioso voltado para uma cultura laica]

[Antonio Carlos Coelho]

1

A religiosidade em sala de aula: as potencialidades de um ensino religioso voltado para uma cultura laica

Resumo: Esta análise integra uma pesquisa de mestrado sobre o diálogo inter-religioso e investiga a presença da religiosidade no espaço público escolar, tendo o Ensino Religioso como eixo de mediação desse encontro dialógico. O objetivo é compreender de que forma essa religiosidade, mesmo que sutil, é interpretada pelos integrantes desses espaços públicos, tomando como ponto de partida unidades do ensino público municipal de Belo Horizonte-MG, e como ela é abordada por alunos e professores. Para isso, adotamos uma metodologia que envolveu levantamento bibliográfico fundamentado em autores da área de Ciências da Religião, Educação e Sociologia, com foco em obras que discutem laicidade, pluralismo religioso e práticas pedagógicas no contexto escolar. A análise revela que, na maioria das escolas, não há professores com formação superior em Ciências da Religião para lecionar a disciplina de Ensino Religioso. Muitos docentes professam uma fé específica, o que, em muitos casos, impõe uma visão de mundo que dificulta a criação de um espaço dialogal diante da pluralidade que deveria caracterizar o ambiente escolar. Conclui-se que, principalmente, na ausência de uma abordagem verdadeiramente laica, que não contemple a diversidade religiosa, sugere uma tensão entre o princípio da laicidade e a realidade cotidiana, em que valores religiosos ainda influenciam as práticas educativas e a percepção de professores e alunos.

Palavras-chave: Interação. Ensino. Religiosidade. Liberdade. Religião.

Religiosity in the Classroom: The Potential of Religious Education Focused on a Secular Culture

Abstract: This analysis is part of a master's degree research on interreligious dialogue and investigates the presence of religiosity in public school spaces, with Religious Education as the axis of mediation of this dialogical encounter. The objective is to understand how this religiosity, even if subtle, is interpreted by the members of these public spaces, taking as a starting point public schools in Belo Horizonte-MG, and how it is approached by students and teachers. To this end, we adopted a methodology that involved a bibliographical survey based on authors in the areas of Religious Studies, Education and Sociology, focusing on works that

[A religiosidade em sala de aula: as potencialidades de um ensino religioso voltado para uma cultura laica]

[Antonio Carlos Coelho]

2

discuss secularism, religious pluralism and pedagogical practices in the school context. The analysis reveals that, in most schools, there are no teachers with higher education in Religious Studies to teach the subject of Religious Education. Many teachers profess a specific faith, which, in many cases, imposes a worldview that makes it difficult to create a space for dialogue in the face of the plurality that should characterize the school environment. It is concluded that, mainly, in the absence of a truly secular approach, which does not contemplate religious diversity, there is a tension between the principle of secularism and everyday reality, in which religious values still influence educational practices and the perception of teachers and students.

Keywords: Interaction. Education. Religiosity. Freedom. Religion.

1 Introdução

O mundo contemporâneo, marcado pela globalização e pelo avanço tecnológico, oferece um acesso ilimitado a diversas formas de mídia e expressão, transformando as interações humanas em várias esferas da vida, incluindo a educação. A liberdade de expressão, as questões de política, os debates sobre gênero e religião, e o impacto da mídia digital trazem novos desafios e oportunidades para o ambiente escolar, criando um cenário no qual as trocas de experiências e de saberes se intensificam.

Transformações essas que geram uma diversidade de vozes e perspectivas no espaço educacional. O ambiente escolar, tradicionalmente regulado, se insere em uma realidade que vai além de seus muros, onde alunos e professores têm acesso a uma multiplicidade de informações e opiniões. Proporcionando um ambiente mais dinâmico e plural para o aprendizado, mas também pode gerar conflitos e tensões, à medida que diferentes visões de mundo colidem.

No contexto do Ensino Religioso, especialmente no município de Belo Horizonte-MG, essa abordagem pode manifestar-se de forma implícita ou explícita, essas abordagens podem impactar a maneira como o ensino religioso é conduzido, influenciando potencialmente a formação dos alunos de maneira que não respeite plenamente a pluralidade religiosa ou o princípio de laicidade nas escolas públicas.

[A religiosidade em sala de aula: as potencialidades de um ensino religioso voltado para uma cultura laica]*[Antonio Carlos Coelho]*

3

A pesquisa de campo foi desenvolvida em unidades da rede pública municipal de Belo Horizonte-MG, ao todo, foram analisadas as percepções de aproximadamente 55 alunos do Ensino Fundamental, e 5 professores cujos relatos foram obtidos por meio de observações e diálogos informais durante as visitas às escolas, bem como, análise de documentos institucionais e diretrizes curriculares da rede municipal de ensino do município, especialmente no que diz respeito ao ensino religioso. Essa amostragem permitiu captar, de forma qualitativa, como a religiosidade se manifesta e é interpretada no cotidiano escolar, a partir das experiências concretas dos estudantes.

O presente trabalho utiliza a abordagem qualitativa de natureza bibliográfica, com foco na interseção entre religiosidade, laicidade e educação pública. A seleção das obras foi realizada a partir de três critérios principais: relevância teórica no campo das Ciências da Religião, Educação e Sociologia; afinidade temática com os conceitos de laicidade, pluralismo religioso, ensino religioso e espaço público e reconhecimento acadêmico dos autores, com ênfase em produções publicadas em periódicos qualificados, livros acadêmicos e teses/dissertações.

A partir desse levantamento, foram priorizadas obras de autores como Cleide Maria Maciel de Melo, Luiz Antônio Cunha, Paulo Freire, Roberlei Panasiewicz, Silvia Maria Cintra da Silva, entre outros autores, cujas contribuições permitiram uma análise crítica da prática do ensino religioso nas escolas públicas.

Com esse objetivo, inicialmente, procurou-se analisar como a interação social e o ambiente escolar se interconectam, enfatizando práticas de apropriação dos materiais culturais que circulam em uma sociedade e gerando interpretações distintas e inovadoras.

Posteriormente, com base nessa interação sociocultural, a pesquisa procurou questionar se há, de fato, liberdade religiosa no ambiente escolar e se ela é plenamente respeitada. Embora o direito à liberdade religiosa seja garantido por leis e constituições, a pergunta que surge é: essa liberdade é realmente exercida de forma plena no contexto escolar?

[A religiosidade em sala de aula: as potencialidades de um ensino religioso voltado para uma cultura laica]*[Antonio Carlos Coelho]*

4

Por fim, no terceiro tópico, debate é central para a construção de um ensino religioso que consiga, ao mesmo tempo, refletir a realidade multicultural da sociedade e respeitar os princípios de liberdade religiosa e laicidade.

2 A interação social e a importância no ambiente escolar

As sociedades humanas apresentam, em diferentes níveis de complexidade, um aprendizado contínuo que está intrinsecamente ligado ao ambiente no qual estão inseridas, resultando em um constante “processo civilizatório” (Ribeiro, 1987). Esse processo é caracterizado por “dois movimentos simultâneos e mutuamente complementares de autotransformação: um responsável pela diversificação e o outro pela homogeneização das culturas” (Ribeiro, 1987, p. 35).

Esses dois movimentos - diversificação e homogeneização -, segundo Ribeiro (1987) operam em conjunto, promovendo um processo dinâmico de transformação cultural, onde as sociedades preservam suas singularidades ao mesmo tempo em que incorporam elementos comuns e universais de outras culturas. O processo civilizatório reflete essa tensão contínua entre a preservação da identidade cultural e a adoção de influências externas.

De tal forma, a humanidade, enquanto ser social (Lima, 1994; Sztompka, 1998; Durkheim, 2003) e histórico (Berger; Luckmann, 1985; Freire, 1985), não aprende de forma isolada. Ela integra e interage com um “conjunto de processos interconectados de múltiplos níveis” (Sztompka, 1998, p. 111), que se transforma continuamente em um movimento constante ao longo da história, envolvendo toda a coletividade humana.

Esses “múltiplos níveis” podem envolver, segundo Sztompka (1998), diferentes esferas da vida social, como a política, economia, cultura, religião, e o próprio indivíduo, operando em várias escalas - desde o nível local e individual até o global e sistêmico. Cada um desses níveis afeta e é afetado por outros, criando uma dinâmica complexa de interações.

[A religiosidade em sala de aula: as potencialidades de um ensino religioso voltado para uma cultura laica]

[Antonio Carlos Coelho]

5

Em um processo civilizatório, uma mudança no campo tecnológico, por exemplo, como a revolução digital, pode influenciar a economia, alterar relações de trabalho, transformar práticas culturais e mudar a forma como as pessoas interagem entre si, resultando em um efeito em cadeia que envolve diferentes níveis da sociedade.

Cafisso (2021) define essa interação social como um processo de troca que envolve ações, ideias e experiências entre pessoas, destacando que essas trocas ocorrem em diversas formas e contextos, podendo ser tanto recíprocas (quando ambas as partes se influenciam) quanto unilaterais (quando apenas uma parte exerce influência sobre a outra).

Ainda assim, esse entendimento ressalta a natureza dinâmica e multifacetada da comunicação humana, que não se limita a palavras, mas também abrange gestos, comportamentos e expressões que se manifestam em diferentes ambientes, como em sala de aula, no trabalho ou em interações informais.

Bem como, esse dinamismo relacional entre diferentes partes de uma sociedade, cultura ou processo de mudança social não apenas coexistem, mas estão constantemente interagindo, gerando novas dinâmicas e transformações.

Este procedimento em que as ações e comportamentos de um indivíduo influenciam e são influenciados por outros, sugere que a existência humana é essencialmente moldada por interações “inter-humanas” (Santiago, 2008). No contexto citado, esse conceito sublinha a ideia de que o ser humano tem uma necessidade intrínseca de transcender sua individualidade, ou seja, de ir além de si mesmo e estabelecer laços significativos com outros indivíduos.

As relações são motivadas por uma busca de conexão, o que implica que o ser humano não é autossuficiente no nível social e emocional. O que evidencia que o ser humano é ao mesmo tempo, agente de mudança e receptor de influências de seu entorno, pois constrói sua identidade e sentido de existência a partir das relações com o outro.

Antes de mais nada, pela “revolução cognitiva” (Harari, 2018), o ser humano aprimorou sua capacidade de consumir, armazenar e comunicar abundância de informação, o

[A religiosidade em sala de aula: as potencialidades de um ensino religioso voltado para uma cultura laica]

[Antonio Carlos Coelho]

6

que fortaleceu sua socialização. Isso permitiu uma “interação entre os esforços de controle da natureza e a ordenação das relações humanas e a cultura” (Ribeiro, 1987, p. 34).

Logo, uma cultura que, de acordo com Geertz (2008), pode ser compreendida como um conjunto de significados, práticas, conhecimentos e símbolos que as pessoas adquirem e compartilham com outros membros da sociedade. Esse método de aquisição e compartilhamento ocorre por meio da interação social, onde as experiências e valores culturais são transmitidos e reinterpretados continuamente.

Portanto, essa visão cultural como um aspecto fundamental da vida cotidiana, influenciando a maneira como os seres humanos pensam, agem e se relacionam, torna-se fundamental no desenvolvimento humano. Vigotski (2000) e Silva (2011) associam a cultura a um “processo educativo”, ressaltam que ela não é apenas algo passivamente absorvido, mas também um meio pelo qual aprendemos de forma ativa. A interação com outros membros da sociedade, a transmissão de conhecimentos e a troca de experiências culturais desempenham um papel essencial no desenvolvimento individual e coletivo da humanidade.

Deste modo, a cultura, ao ser transmitida e compartilhada, funciona como um processo educativo contínuo, moldando a identidade, os valores e as habilidades das pessoas, e promovendo o desenvolvimento humano ao longo da história. Essa interação cultural é central para a socialização e a formação dos indivíduos como membros de uma comunidade.

A própria diversidade cultural surge como resultado do processo sociocultural, permitindo que o indivíduo, ao interagir com diferentes discursos e concepções, possa avaliar, questionar, aceitar ou rejeitar conscientemente as opções que lhe são apresentadas. Nesse contexto, conforme Zanata (2001), o indivíduo muitas vezes precisa não apenas adaptar suas ações no mundo prático, mas também reconsiderar como se vê e se representa, refletindo as mudanças trazidas por essa diversidade.

Entende Coelho (2020) que, a diversidade cultural deve ser vista como um patrimônio comum que une a humanidade. Para o autor, essa diversidade fortalece a interdependência entre diferentes culturas, percebendo que elas se conectam e se complementam. Além disso,

[A religiosidade em sala de aula: as potencialidades de um ensino religioso voltado para uma cultura laica]

[Antonio Carlos Coelho]

7

promove uma abertura ao diálogo, criando um ambiente favorável ao pluralismo cultural, onde várias culturas podem coexistir e interagir de forma harmoniosa.

Este autor propõe que a diversidade cultural seja reconhecida como um direito essencial de cada grupo humano, destacando que, mesmo em meio à pluralidade de culturas, é possível alcançar um consenso universal. Em outras palavras, defende que, dentro da diversidade, é possível construir a unidade, e essa deve ser respeitada como um direito humano fundamental, assegurando a convivência pacífica e o respeito às diferenças culturais.

O ambiente escolar, como um espaço de intensa interação social, são locais de diferentes culturas que coexistem e se transformam cotidianamente. No contexto acadêmico e nos níveis de ensino médio e fundamental, essas instituições são muito mais do que locais de transmissão de conhecimento. Elas são ambientes ricos em diversidade cultural, que refletem a pluralidade de experiências e valores trazidos por alunos, professores e demais agentes envolvidos.

Além disso, esses espaços também facilitam trocas culturais e sociais, que são propícias à alteridade, a qual é o reconhecimento e respeito pelas diferenças, e fomentam um processo contínuo de apropriação cultural. Isso significa que os indivíduos absorvem, reinterpretam e integram aspectos culturais de outros, ao mesmo tempo, em que preservam elementos de suas próprias culturas.

O espaço escolar deve ser compreendido como uma “instituição social” Piletti (1998), pois tem a função de possibilitar que a sociedade, e seu futuro, se identifiquem, interajam e construam conhecimentos. Nesse contexto, em uma dinâmica de “relações reais entre os indivíduos humanos” (Vigotski, 1998, p. 74), o desenvolvimento racional é essencial para que os indivíduos se entendam como “seres autônomos, socializando-se para além do reduto familiar” (Libanio, 2015, p. 146), sustentado por uma “dinâmica dialógica” Santos (2014).

Isso torna o espaço escolar propício para fomentar uma educação de interação social e a ampliação de uma cultura voltada para um juízo eternizado a valores democráticos, tais

[A religiosidade em sala de aula: as potencialidades de um ensino religioso voltado para uma cultura laica]

[Antonio Carlos Coelho]

8

como “liberdade de pensamento e crença, a cidadania e a igualdade” (Diniz; Lionço, 2010, p. 11).

Na observação da pesquisa, existe interação uns com os outros de diversas maneiras, trocando experiências que vão além da esfera religiosa. Eles compartilham aspectos sociais e culturais que refletem suas vivências cotidianas, construindo um ambiente de diálogo e aprendizado mútuo.

Por exemplo, eles podem conversar sobre questões como música, esportes, mídia, tradições regionais e práticas sociais, ampliando seu repertório de conhecimento sobre o mundo ao seu redor. Ao fazer isso, os envolvidos se conectam socialmente, reconhecem semelhanças e diferenças, e constroem novas formas de entendimento, enriquecendo a experiência coletiva.

No quesito religioso, as trocas de experiências entre os alunos muitas vezes são limitadas porque o ensino ainda segue um modelo centrado em uma visão religiosa específica, o que pode gerar barreiras para um diálogo mais aberto e plural. Esse modelo restritivo leva ao receio de os alunos interagirem plenamente com colegas de diferentes crenças ou com aqueles que não seguem nenhuma religião, temendo julgamentos ou conflitos.

A própria família, ou melhor falando, a religião familiar, surge como forma de inibir estas interações, pois, certos grupos que professam religiões minoritárias ou que não têm religião podem se sentir excluídos ou inseguros ao falar sobre suas crenças, ou mesmo evitar essas interações para não sofrer discriminação.

Os professores, diante desta constatação e para evitar conflitos com os pais, inibem a construção de uma verdadeira convivência plural e limita a possibilidade de diálogo inter-religioso, essencial para a formação de uma comunidade escolar mais inclusiva e respeitosa.

A partir do que foi analisado e apresentado, pode-se realizar reflexões construindo uma interação, dentro do ambiente escolar, tentando vislumbrar pontos de convergências que permitam diálogos, entendimentos e um processo de aprendizagem em que a religião oficial

[A religiosidade em sala de aula: as potencialidades de um ensino religioso voltado para uma cultura laica]*[Antonio Carlos Coelho]*

9

se torne banal. O que importa é um ensino que desperte um sentimento de respeito à alteridade e ao outro, compreendendo que a religiosidade, na sua dimensão, faz interfaces com outros estabelecimentos socioculturais, nos quais os seres humanos circulam, de modo inclusivo, os bancos escolares.

Assim, a escola configura-se como um espaço privilegiado de interação social, onde a diversidade cultural não apenas se manifesta, mas também se transforma em fonte de aprendizado mútuo. O intercâmbio de experiências, valores e práticas entre alunos, professores e comunidade escolar amplia as possibilidades de construção do conhecimento e de desenvolvimento humano. A interação, nesse sentido, ultrapassa os limites da instrução formal, tornando-se instrumento de formação cidadã, ética e cultural. Portanto, reconhecer e valorizar essas múltiplas interações é essencial para uma educação comprometida com a democracia, o respeito às diferenças e a construção de uma sociedade mais justa e plural.

Embora o direito à liberdade religiosa seja garantido por leis e atos constitucionais, a pergunta que surge é: essa liberdade é realmente exercida de forma plena no contexto escolar?

2 A liberdade religiosa no banco escolar: uma questão de religiosidade

A partir da racionalidade, desenvolvida gradualmente ao longo da sua historiografia, o conhecimento humano foi se emancipando de uma compreensão delimitada por valores transcendentais, ocasionando na sociedade moderna o fenômeno denominado “secularização” (Panasiewicz, 1999; Libanio, 2002).

Este acontecimento compreendido por Berger; Luckmann (1985, p. 119) como sendo:

[...] um processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos. [...] Quando falamos em cultura é mais que um processo socio-estrutural. Ela afeta a totalidade da vida cultural e da ideação e pode ser observada no declínio dos conteúdos religiosos, nas artes, na filosofia, na literatura e, sobretudo, na ascensão da ciência, como uma perspectiva autônoma e inteiramente secular.

[A religiosidade em sala de aula: as potencialidades de um ensino religioso voltado para uma cultura laica]*[Antonio Carlos Coelho]*

10

A secularização, então, como um processo histórico e racional, modificou o costume cotidiano da sociedade moderna, deixando a religião de possuir um caráter determinante de legitimação da ordem social. Ao adotar uma postura centrada em aspectos científicos, ocorre a “perda da influência das instituições religiosas sobre a sociedade” (Panasiewicz, 1999, p. 32).

No entanto, na sociedade moderna, “urbana, dinâmica” Cox (1968) e secularizada, ainda, encontra espaços para permanências e continuidades do fenômeno religioso. A (re) emergência ou a persistência deste acontecimento, na pós-modernidade, se ressalva nas características da própria religiosidade humana.

Característica esta que independe de estruturas religiosas institucionalizadas, mas uma ação relacional entre o indivíduo com o ambiente sócio-cultural que o envolve e “nenhuma orientação universal e supostamente objetiva pode determiná-lo” (Rohr, 2013, p. 149).

Este (re) surgir da religião demonstra, para Berger (2001, p. 10) que, por certo, ocorreu à perda de influenciar a sociedade, pelas instituições religiosas, mas:

[...] as crenças e práticas religiosas antigas ou novas permaneceram na vida das pessoas, às vezes assumindo novas formas institucionais e às vezes levando a grandes explosões de fervor religioso. Inversamente, instituições religiosamente identificadas podem desempenhar um papel social ou político mesmo quando muito poucas pessoas confessam ou praticam a religião que essas instituições representam.

Além disso, as instituições religiosas continuam a influenciar a sociedade, seja através de normas, valores ou poder político, independentemente do número de fiéis ou do fervor religioso da população. Isso reflete a capacidade dessas instituições de manter relevância e influência além do âmbito estritamente religioso.

Compreende-se que a modernidade, no seu procedimento de formação, incitou um fenômeno social que desembocou em um processo de pluralidade, transformando o comportamento dos seres humanos na sociedade. A própria religião não ficou à margem deste pluralismo que, submergida, manifestou a diversidade religiosa. A secularização, a pluralização não conduziram a decadência da religião ou a “morte de Deus” (Nietzsche, 2011 p. 137), mas, sim, a readequação do papel social da religião na intimidade da humanidade.

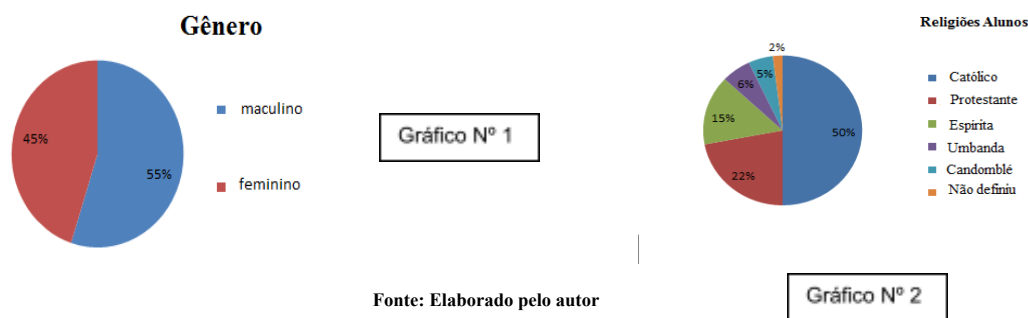
[A religiosidade em sala de aula: as potencialidades de um ensino religioso voltado para uma cultura laica]*[Antonio Carlos Coelho]*

11

Características estas, que marcam a presença da esfera religiosa na realidade sociocultural, no presente século, com uma preponderante manifestação e uma franca circulação de bens simbólicos, torna o fenômeno religioso um campo fértil para distintas pesquisas e neste caso o cenário educacional.

Refletir a escola pública como espaço de aprendizagem, envolto a um ensino religioso laico que contribua para a integração, formação e na emancipação de indivíduos torna-se essencial. Buscando dentro dessa vivência cotidiana, métodos concretos a fim de instrumentalizar um ensino ideário com uma propositura baseada em uma “ação comunicativa” Habermas (2000) e fundamentada na “prática de liberdade” Freire (1967).

Vejamos um demonstrativo dessa religiosidade, dos alunos integrantes desses espaços públicos, tomando como ponto de partida cinco unidades do ensino público municipal de Belo Horizonte-MG.



Os dados confirmam tendências de transformação do campo religioso brasileiro, observadas já no Censo 2010 sobre religiões. Uma diminuição recrudescida daqueles que se intitulam católicos e uma expansão de evangélicos, bem como dos espíritas e dos sem religião.

Dentro do ambiente escolar, pesquisado, o segmento feminino participa em maior número no cenário educacional pesquisado. O gráfico nº 2, demonstra a existência de distintas religiões representadas, sendo o catolicismo, o protestantismo e o espiritismo os mais presentes. Embora essas tradições religiosas tenham diferenças significativas em termos de

[A religiosidade em sala de aula: as potencialidades de um ensino religioso voltado para uma cultura laica]

[Antonio Carlos Coelho]

12

doutrina e prática, elas compartilham um ponto em comum: todas fazem parte do cristianismo ou estão ligadas a ele em algum grau.

Em outro ponto, o gráfico nº 2 confirma os dados coletados pelo Censo, em 2010, que é o aumento significativo no número de seguidores da doutrina espírita, bem como, uma desidratação do catolicismo, cedendo espaço para o protestantismo e para o próprio espiritismo.

A perda de espaço do catolicismo na sociedade contemporânea está ligada a duas tendências principais: a busca por prosperidade dentro das igrejas evangélicas pentecostais e a atração por práticas e crenças relacionadas ao espiritismo, como a reencarnação e a comunicação com espíritos. Apesar dessas mudanças, a frase ressalta que tanto o evangelismo pentecostal quanto o espiritismo, embora apresentem crenças e práticas diferentes do catolicismo, ainda mantêm uma visão cristã em suas fundações

Como também se evidencia a existência de um percentual de alunos que “não informaram seus credos”. Em um diálogo a parte com estes alunos, demonstra que não se trata de indivíduos a-religiosos ou que desacreditem de uma figura divina, apenas não definiram sua pertença religiosa por opção, mas, pela sua idade, seguem a religião de seus familiares.

Em outro ponto da análise no que tange a religião umbanda e do candomblé, ligadas às tradições afro-brasileiras, algumas observações se tornam importante destacar, que são religiões de seus pais. Os alunos se declaram fazer parte das tradições afro-brasileiras, mas, embora participantes, não se identificam diretamente com essas religiões, por estarem em um processo de definição, mudança de identidade religiosa e por preconceito de se declarar como tal.

A umbanda e o candomblé como religiões de tradição oral, que possuem forte vínculo com a ancestralidade e a cultura afro-brasileira, e a percepção das respostas podem apontar, também, para o seguinte diagnóstico: estigma social e preconceito religioso; pressões de conversão; busca por status social e ascensão econômica e desconhecimento ou perda das tradições.

[A religiosidade em sala de aula: as potencialidades de um ensino religioso voltado para uma cultura laica]

[Antonio Carlos Coelho]

13

Afirma Maggie (1996), muitos filhos de praticantes de religiões afro-brasileiras não recebem um ensino formal ou completo sobre suas tradições espirituais. Isso pode gerar um afastamento ao longo do tempo, já que, sem um entendimento profundo dessas práticas, os jovens tendem a perder um pertencimento familiar, levando-o a adotar religiões que lhes parecem mais acessíveis ou coerentes com as pressões sociais.

A análise reforça a percepção da presença da religiosidade no interior dos estabelecimentos escolares, como uma vivência interior e cultural que influencia tanto o aspecto individual quanto o coletivo da vida de uma pessoa ou comunidade, moldando o ambiente escolar e influenciando o comportamento dos alunos.

A presença religiosa no âmbito dos alunos não quer dizer liberdade religiosa para estes grupos, que ainda, mantém uma ligação forte, do ponto de vista religioso, naquela executada pela família, em que padrões de comportamento e pensamento são alinhados a uma ou mais religiões dominantes, o que, em alguns casos, pode excluir ou marginalizar alunos de outras crenças ou sem religião.

A presença da religiosidade no banco escolar é permanente e se apresenta como um valor universal do próprio aluno, portanto, torna-se um elemento constitucional para distinguir valores que moldam, dentro de um território, o ser humano e sua sociedade.

Por último, cabe destacar que esta liberdade também é limitada pelo corpo docente desta pesquisa, por certo, constituem-se em um só agente, a saber, um sujeito profissional e um sujeito religioso, sendo que as duas dimensões estariam integradas em um único modo de ser, pensar e agir, ou seja, centrado em sua cultura religiosa, que em sua maioria é a cristã.

Neste sentido, o pertencimento em determinada religião pode influenciar na prática pedagógica da disciplina de ensino religioso?

3 A pedagogia laica versus pedagogia deus é fiel: por um ensino religioso inclusivo e plural

[A religiosidade em sala de aula: as potencialidades de um ensino religioso voltado para uma cultura laica]*[Antonio Carlos Coelho]*

14

A dinâmica vivenciada pela sociedade contemporânea, em específico a brasileira, marca um cenário cultural de alteridade e a instituição escolar não está à margem deste processo sociocultural. Entendendo este ambiente de interações entre indivíduos que se relacionam presencialmente, compondo um universo de relação entre duas ou mais pessoas, mediados pela cultura, uma “interação face-a-face” Thompson (2018).

Enquanto fenômeno educativo, a educação provoca alterações nas características do indivíduo e na sua formação: cultural, político, econômico e nos aspectos valorativos relacionados à própria questão religiosa. O que demonstra que estas estruturas não são totalmente sólidas, rígidas, mas, são permeáveis, voláteis e móveis.

Estudos realizados por Vygotsky (2003, p. 80) assinalam que estes ambientes entendidos como sólidos na realidade não existem em um único meio, pois, estes se decompõem em:

[...] uma série de fragmentos mais ou menos isolados uns dos outros, e esses fragmentos podem ser objeto da influência inteligente do ser humano. em suma, o meio é para o ser humano o meio social, porque quando aparece, com relação ao homem, como meio natural, sempre estão presentes aspectos sociais.

A citação ressalta a interconexão entre os elementos sociais e naturais da vida humana, destacando que, ao considerar esses fragmentos, devemos reconhecer a influência da ação e da inteligência humana, além da importância do contexto social nas interações e experiências individuais.

Dessa forma, o ambiente escolar, de diversas maneiras e em seus diferentes estágios, contribui para essa transformação social, oferecendo ao indivíduo a oportunidade de reavaliar tanto seus repertórios de interação quanto suas manifestações culturais. No entanto, o ato educativo pode tanto desafiar quanto sustentar paradigmas que estão alinhados com as ideias predominantes de uma determinada sociedade.

A dinâmica da sociedade contemporânea, marcada pelo processo de globalização, demanda que os professores reflitam de maneira a adotar um discurso que provoque a tradição conservadora e linear. É essencial que eles implementem novas práticas e linguagens,

[A religiosidade em sala de aula: as potencialidades de um ensino religioso voltado para uma cultura laica]*[Antonio Carlos Coelho]*

15

utilizando os meios de informação disponíveis. Ser docente de Ensino Religioso nos dias de hoje requer uma postura equilibrada e receptiva à alteridade, além de uma visão de mundo que considere todas as mudanças que estão ocorrendo ao seu redor.

No contexto do Ensino Religioso, é fundamental destacar a diversidade de origens dos professores, muitos dos quais têm licenciatura plena em outras áreas das Ciências Humanas, mas não especificamente na disciplina de Ensino Religioso. Isso evidencia os diversos desafios que permeiam a implementação das atividades da disciplina. Essa realidade levanta algumas questões importantes: formação inadequada; desmotivação e defasagem e reforço da superficialidade.

Ou seja, a formação inadequada de professores de Ensino Religioso, que muitas vezes não possuem uma formação específica na disciplina, resulta em uma série de consequências negativas, como desmotivação e defasagem no conhecimento. Essa falta de preparo pode levar a uma abordagem superficial do conteúdo, onde os educadores se sentem inseguros e incapazes de abordar as complexidades e diversidades das questões religiosas, mesclando suas aulas com o conhecimento de sua religião.

Como resultado, suas aulas tendem a se limitar a aspectos superficiais das tradições religiosas de seus mestres, sem promover uma compreensão profunda ou crítica, o que não só empobrece o aprendizado dos alunos, mas também impede que eles desenvolvam habilidades necessárias para dialogar e conviver com a pluralidade religiosa presente na sociedade contemporânea.

Na prática pedagógica observada, não se cria espaço para a valorização de um julgamento crítico, de analogias ou de reflexões que possam levar em consideração as especificidades e os fatores que moldam a religião ao longo do tempo. Dessa forma, deixa-se de abordar adequadamente a diversidade religiosa, o que limita a compreensão da multiplicidade de crenças e impede uma abordagem mais profunda e contextualizada das transformações e interações entre diferentes tradições religiosas.

[A religiosidade em sala de aula: as potencialidades de um ensino religioso voltado para uma cultura laica]*[Antonio Carlos Coelho]*

16

Como já observado, os professores têm, em sua maioria, origem cristã. Nesse contexto, o Ensino Religioso demonstrado se distancia de uma abordagem supra confessional, que seria mais adequada à contemporaneidade, e se prende a um modelo histórico de catequização, moldado pela perspectiva cristã. Isso reforça o que Melo (2013) chama de "colonização religiosa da escola pública", onde a educação religiosa é dominada por uma tradição específica, em detrimento de uma verdadeira “liberdade de crença” e da laicidade no ensino, como defendido por Diniz; Lionço; Carrião (2010), que preconizam um ambiente educacional livre de proselitismo.

Uma colonização religiosa no ambiente educacional perpetua práticas exclusivistas, reforçando conflitos sociais como o proselitismo, a intolerância religiosa, o racismo, e questões relacionadas a gênero e sexualidade, criando um terreno fértil para o surgimento de um sentimento fundamentalista.

As disputas da arena religiosa estão se transferindo para o campo educacional, como afirma Cunha (2013), e esse caminho não contribuirá para a erradicação da violência no Brasil. Conforme argumentam Diniz; Lionço; Carrião (2010), o Estado brasileiro, ao ceder espaço à catequização promovida pelas religiões majoritárias, permite um ensino religioso que, em vez de promover a inclusão, acaba estimulando a intolerância ao ignorar a diversidade e o pluralismo cultural e religioso inerente à própria sociedade brasileira.

Para Coelho (2020, p. 73) o espaço escolar público é um ambiente:

pertencente à ateus, espíritas, umbandistas, cristãos, dentre outras denominações, ou seja, não pode se apresentar como um coliseu de disputas religiosas, de segregação e de intolerância, mas sim, como uma instituição adequada as liberdades, direitos e de igualdade humana, bem como fomentadora de um diálogo de consenso.

A escola deve ser uma instituição que respeita e promove as liberdades, os direitos e a igualdade humana, funcionando como um espaço onde o diálogo respeitoso e o consenso entre diferentes visões de mundo são incentivados. Dessa forma, o ensino deve buscar a convivência harmoniosa e a inclusão, respeitando a diversidade religiosa presente na sociedade.

[A religiosidade em sala de aula: as potencialidades de um ensino religioso voltado para uma cultura laica]*[Antonio Carlos Coelho]*

17

Cunha (2006) revela que as religiões monoteístas buscam utilizar as escolas públicas como um meio para difundir suas ideias, valores e práticas. Esse movimento gera uma confusão entre religião e política dentro do âmbito municipal, transformando a escola pública em um espaço de disputa pelo controle e influência no “mercado religioso”. Ou seja, ao invés de promover um ambiente neutro e laico, a escola acaba sendo instrumentalizada como plataforma para promover determinadas crenças religiosas, criando conflitos que afetam o princípio da laicidade e o papel inclusivo da educação pública.

O pertencimento religioso, por parte dos docentes, pode moldar a prática pedagógica de maneiras que tanto podem enriquecer quanto limitar o ensino religioso. Para que a disciplina seja verdadeiramente inclusiva, é fundamental que os educadores estejam cientes de suas próprias crenças e de como elas podem impactar suas práticas, buscando sempre promover um ambiente educacional que respeite e valorize a diversidade religiosa

Nesse contexto, a pedagogia laica se afasta de um ensino baseado no estudo científico do fenômeno religioso e, em vez disso, adota uma “pedagogia Deus é fiel”, voltada para o proselitismo e a conversão ideológica. Essa abordagem pedagógica impede a ruptura com a intolerância religiosa, o racismo e os preconceitos, ao perpetuar essas questões dentro do ambiente educacional. Dessa forma, ao invés de promover uma educação inclusiva e plural, essa pedagogia reforça convenções que continuam a existir tanto na escola quanto na sociedade em geral, dificultando a construção de um espaço de liberdade, respeito e diversidade.

Por fim, é inegável a importância da laicização na educação, especialmente no ensino religioso, para a formação das novas gerações. Conforme destaca Cunha (2013), em um Estado Laico, é incompatível a permanência de dogmas religiosos nas instituições escolares, uma vez que isso entra em conflito com os princípios dos Direitos Humanos.

A laicidade estatal e a independência individual tornam a manutenção desses dogmas contrária à proposta educativa, que deve ser inclusiva e plural. Como afirmam Silva; Lionço (2019, p. 181), os “valores cristãos, assumidos como verdades”, não devem ser impostos nas

[A religiosidade em sala de aula: as potencialidades de um ensino religioso voltado para uma cultura laica]

[Antonio Carlos Coelho]

18

escolas, pois tal postura vai contra a neutralidade e o respeito à diversidade que a educação deve promover.

4 Considerações finais

O papel do Ensino Religioso, sob uma perspectiva intercultural e laica, é o de construir pontes entre diferentes formas de ver o mundo, promovendo uma adequação intelectual e ética da sociedade aos novos rumos da convivência plural. Ao abordar discursos religiosos de maneira crítica, aberta e dialógica, a escola deve se tornar um espaço onde a integralização das diferenças possa florescer, contribuindo com ferramentas concretas para o combate à intolerância e à discriminação.

A religiosidade, quando inserida no ambiente escolar, deve ser compreendida como uma oportunidade pedagógica para explorar, com sensibilidade e criticidade, as múltiplas expressões de fé presentes na sociedade. Dessa forma, o Ensino Religioso pode se consolidar como um espaço formativo de respeito à diversidade, onde diferentes tradições são apresentadas e discutidas sem imposições, estigmas ou favoritismos. Isso potencializa o desenvolvimento de uma postura empática e crítica entre os alunos, preparando-os para uma cidadania ativa e consciente.

A laicidade, nesse contexto, não deve ser interpretada como negação do fenômeno religioso, mas como uma condição para garantir liberdade e igualdade. O ensino religioso comprometido com esse princípio não busca converter ou privilegiar uma religião, mas sim educar para o reconhecimento das dimensões culturais, éticas e sociais das crenças religiosas em sua pluralidade. Tal abordagem contribui para formar sujeitos capazes de refletir sobre suas próprias crenças e conviver respeitosamente com as diferenças.

A presença das religiões nas escolas, no entanto, não assegura, por si só, a vivência plena da liberdade religiosa. Muitas vezes, essa presença está marcada por práticas veladas de imposição ou exclusão, que silenciam outras formas de expressão religiosa. Isso revela que o

[A religiosidade em sala de aula: as potencialidades de um ensino religioso voltado para uma cultura laica]

[Antonio Carlos Coelho]

19

direito à liberdade de crença no contexto escolar ainda enfrenta desafios relacionados a preconceitos, invisibilizações e tensões sociais que permeiam a cultura institucional da escola.

Diante disso, este trabalho, embora não esgote o tema, busca lançar luz sobre a urgência de um Ensino Religioso comprometido com uma pedagogia crítica, dialógica e inclusiva, capaz de revisar profundamente o lugar da religiosidade na formação do sujeito contemporâneo. A proposta aqui defendida é a de uma dinâmica educacional integradora, que promova o encontro entre diferentes culturas e crenças, favorecendo a igualdade na diversidade e o respeito à dignidade humana.

O que nos leva a entender que um Ensino Religioso, quando fundamentado em princípios laicos, interculturais e pluralistas, pode contribuir significativamente para a construção de um ambiente escolar mais justo, reflexivo e respeitoso. Nesse horizonte, a escola se consolida como um espaço de diálogo e convivência pacífica, apta a formar cidadãos sensíveis às diferenças e comprometidos com a construção de uma sociedade mais democrática e inclusiva.

Referências

BERGER, Peter Ludwig. **A dessecularização do mundo: uma visão global**. Rio de Janeiro: Religião e Sociedade, 2001.

BERGER, Peter Ludwig; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

CAFISSO, Jessica. **Interação social**. Disponível em: <https://www.todoestudo.com.br/sociologia/interacao-social>. Acesso em: 8 jan. 21.

COELHO, Antônio Carlos. Ciências da Religião um convite a interdisciplinaridade para a análise do fenômeno religioso. *In*: Colóquio do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura PUC Minas. **Anais dos Colóquios do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura – PPGCR/PUC Minas: interdisciplinaridade em Ciências da Religião**. (org.). Amanda Euzébio de Aguiar Alves ... [et al.]. Belo Horizonte: PUC Minas, 2020.

[A religiosidade em sala de aula: as potencialidades de um ensino religioso voltado para uma cultura laica]

[Antonio Carlos Coelho]

20

COX, Harvey Gallagher. **A Cidade do Homem: a secularização e a urbanização na perspectiva teológica**. Tradução: Jovelino Pereira Ramos e Myra Ramos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

CUNHA, Luiz Antônio. **Educação e Religiões: a descolonização religiosa da Escola Pública**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

CUNHA, Luiz Antônio. **Ensino Religioso nas Escolas Públicas: A propósito de um seminário internacional**. Educ. Soc, Campinas, vol 27, n. 97, set./dez. 2006, p. 1235-1256.

DINIZ, Débora; LIONÇO, Tatiana; CARRIÃO, Vanessa. **Laicidade e ensino religioso no Brasil**. Brasília: Unb, 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Tradução de The interpretation of cultures. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. Tradução de Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HARARI, Yuval Noah. **Uma breve história da humanidade**. Tradução de Janaína Marcoantonio. Porto Alegre: L&PM, 2018.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

LIBANIO, João Batista. **A ética do cotidiano**. São Paulo: Paulinas, 2015.

MAGGIE, Y. Aqueles a quem foi negada a cor do dia: as categorias cor e raça na cultura brasileira. In: MAIO, M.C., and SANTOS, R.V., orgs. **Raça, ciência e sociedade** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ; CCBB, 1996, pp. 225-234.

MELO, Cleide Maria Maciel de. **De permanências: estado, educação e religião – uma resenha de Educação e religiões: a descolonização religiosa da Escola Pública, de Luiz Antônio Cunha**. Revista Contemporânea de Educação, vol. 8, n. 16, agosto/dezembro de 2013. p. 330-337

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim Falou Zaratustra**. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

[A religiosidade em sala de aula: as potencialidades de um ensino religioso voltado para uma cultura laica]

[Antonio Carlos Coelho]

21

PANASIEWICZ, Roberlei. **Diálogo e revelação: rumo ao encontro inter-religioso**. Belo Horizonte: C/Arte, 1999.

PILETTI, Nelson. **Estrutura e funcionamento do ensino fundamental**. São Paulo: Ática, 1998.

RIBEIRO, Darci. **Processo civilizatório: estudos de antropologia da civilização**. Petrópolis: Vozes, 1987.

RÖHR, Ferdinando. **Educação e espiritualidade: contribuições para uma compreensão multidimensional da realidade, do homem e da educação**. Campinas: Mercado das Letras, 2013.

SANTIAGO, Maria Betânia do Nascimento. **Diálogo e educação: O pensamento pedagógico de Martin Buber**. 2008. 346 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SANTOS, Maria de Jesus dos. **A dialogicidade no pensamento de Paulo Freire e de Hans Georg Gadamer e implicações na cultura escolar brasileira**. Cadernos PET Filosofia, Piauí, v. 5, n. 10, p.01-11, Jul.-Dez., 2014.

SILVA, Cristiane Gonçalves da. LIONÇO, Tatiana. **Temas perigosos para a educação? Juventudes, instituições de ensino, gênero e sexualidades**. Revista Inter-Ação, Goiania, v. 44, n. 1, p. 180-195, jan/abr 2019.

SILVA, Silvia Maria Cintra da. **Apropriação cultural e mediação pedagógica: contribuições de Vygotsky na discussão do tema**. Psicologia em Estudo. Maringá. v. 16, n. 2, p. 219-228, abr/jun 2011.

SZTOMPKA, Piotr. **A sociologia da mudança social**. Tradução de Pedro Jorgensen Júnior. São Paulo: Civilização, 1998.

THOMPSON, John B. **A interação mediada na era digital**. Tradução: Richard Romancini. Matrizes. São Paulo, v.12, nº 3, set./dez. 2018, p. 17-44.

VIGOTSKI, Liev Semyonovich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VYGOTSKY, Liev Semyonovich. **Obras Escogidas III**. Madrid: Visor. 2000.

[A religiosidade em sala de aula: as potencialidades de um ensino religioso voltado para uma cultura laica]

[Antonio Carlos Coelho]

22

VYGOTSKY, Lev. Semenovich, LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alexis Nicolaevich. Os princípios do desenvolvimento mental e o problema do atraso mental. In: Psicologia e Pedagogia – **Bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento**. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2003.

ZANATTA, Mariana Scussel. **Nas teias da identidade: contribuições para a discussão do conceito de identidade na teoria sociológica**. Perspectiva, Erechim. v. 35, n. 132, p. 41-54, dezembro/2011.